



EDUCAÇÃO E TRABALHO: QUAL CAMINHO PENSAM SEGUIR OS ALUNOS CONCLUINTE DO ENSINO FUNDAMENTAL?

Angela Maria Queiroz (angeladeletras@gmail.com)¹

Andreia Modrzejewski Zucolotto (andrea.zucolotto@poa.ifrs.edu.br)²

1. INTRODUÇÃO

O presente relato apresenta a experiência da primeira autora, enquanto professora da Educação de Jovens e Adultos (EJA), etapas finais do Ensino Fundamental, e orientadora educacional no Ensino Fundamental de nove anos em duas escolas municipais de Sapucaia do Sul. As escolas que fizeram parte do trabalho fazem parte da rede municipal de Sapucaia do Sul. Esse relato apresenta uma experiência no âmbito de sala de aula e é um recorte da pesquisa de mestrado que está em desenvolvimento, intitulado “Construindo pontes entre educação profissional e tecnológica e o mundo do trabalho para alunos concluintes do ensino fundamental”. As principais propostas dessa experiência correspondem ao processo de mapeamento do interesse na continuidade dos estudos de alunos concluintes do Ensino Fundamental das escolas participantes da pesquisa e sua compreensão sobre Educação Profissional e Tecnológica (EPT), como uma possibilidade para ingresso no ensino médio (EM). Entre as atividades, constam a aplicação do questionário, rodas de conversas, depoimentos de alunos, registros no caderno de campo e uma ação-tarefa para inscrever os alunos no ensino médio integrado (EMI). Serão destacadas as dificuldades enfrentadas pelos alunos para inscrição, numa das etapas de acesso para o EM.

O interesse por esse trabalho emergiu da necessidade de ampliar as oportunidades para continuidade da trajetória escolar dos estudantes. Dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2010) expõem essa realidade, mostrando que em Sapucaia do Sul (não foram encontradas pesquisas mais recentes sobre a cidade), 47% da população não possuía instrução ou apenas apresentava o ensino fundamental (EF) incompleto. Naquele levantamento, 22% possuíam EF completo e apenas 27% concluíram a Educação Básica (IBGE, 2010).

Diante dessa realidade, percebeu-se a necessidade de uma investigação para entender e buscar formas de auxiliar nessa transição do ensino fundamental para o EM. O presente trabalho tem por objetivo relatar as experiências da primeira autora em escolas de EF, apresentar os resultados parciais da uma pesquisa que visa formalizar a descrição do perfil desses estudantes, moradores de uma região periférica da região metropolitana de Porto Alegre, a respeito do interesse de continuidade de estudos e descrever ações desenvolvidas nas escolas em questão, para fomentar essa transição junto grupo envolvido na pesquisa.

¹ Professora e Orientadora Educacional na rede municipal de Sapucaia do Sul. Graduada em Letras, UPF e pós-graduada em Orientação Educacional. Mestranda no Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica IFRS – Campus Porto Alegre.

² Licenciada em Química pela UFRGS (2000), Mestre e Doutora em Educação pela PUCRS (2004 e 2010). Professora na área de Química do IFRS - Campus Porto Alegre, atuando na formação de professores, na Educação Profissional e Tecnológica e no Mestrado Profissional em EPT.



2. A REALIDADE NOS MOVE PARA A BUSCA DE ALTERNATIVAS

As escolas em que a primeira autora desenvolve suas atividades docentes e de orientação educacional localizam-se nos bairros periféricos da cidade. De acordo com o Censo Escolar de 2019, a escola com turmas de EJA tinha 104 alunos matriculados nessa modalidade. A outra instituição está numa região afastada do centro da cidade (a comunidade era considerada zona rural até o final de 2018 e passou a ser zona urbana para fins de conquistarem saneamento básico, canalização de água e outros benefícios para a região). A região possui pequenos sítios e um loteamento sem infraestrutura (não há saneamento básico ou água encanada). Próximo à escola há um aterro sanitário e uma Cooperativa de Material Reciclável. Essa escola é pequena, possui um total de 237 alunos, de acordo com o censo de 2019. No ano de 2019, eram quinze alunos matriculados no 9º ano do Ensino Fundamental e dez alunos participaram das atividades. Ambas as instituições envolvem comunidades com carência material e famílias em vulnerabilidade social.

Durante as aulas na EJA, percebe-se através das falas dos alunos, incertezas a respeito da continuidade da Educação Básica e sobre a atuação profissional. Identifica-se um desejo intenso dos alunos pelo ingresso no mundo do trabalho, pela necessidade de sustentar a si e às suas famílias. Por outro lado, alguns desconhecem as políticas públicas para o EM e, em especial, das escolas profissionais da região ou suas formas de acesso. Alguns têm sonhos de profissões que exigem um planejamento para atingir, pois se corre o risco de ficar apenas no plano do desejo. Muitos têm o enfoque apenas em profissões clássicas, como as áreas de Medicina e Direito, nível de graduação, esquecendo que precisam realizar o EM antes. Entre os alunos de EJA, alguns trabalham, outros não. Aqueles que conseguem um trabalho formal estão atuando no supermercado local. Outros atuam no mercado informal, vendendo meias, rapaduras, água (ambulantes) ou realizando outros tipos de trabalho, sem registro na carteira profissional. Há também os casos de maior vulnerabilidade social que acabam sendo cooptados para trabalhos ilegais.

O perfil dos alunos de ambas escolas não são muito diferentes. A diferença maior está na inclusão de pessoas de diferentes faixas etárias, embora grande parte sejam jovens, mesmo nas turmas de EJA. O grupo participante dessa experiência correspondia as seguintes faixas etárias: adolescentes jovens a jovens adultos (entre 14 a 29 anos) correspondiam a 74,3% dos alunos, acima dos 30 anos, 25,7%, ou seja, a maior parte, mesmo na modalidade EJA, são de jovens. Mas o que é juventude? Para entender as respostas é importante entender seus personagens. Segundo Dayrell:

A juventude constitui um momento determinado, mas que não se reduz a uma passagem. Ela assume uma importância em si mesma como um momento de exercício de inserção social, no qual o indivíduo vai se descobrindo e descortinando as possibilidades em todas as instâncias de sua vida, desde a dimensão afetiva até a profissional. Essa realidade ganha contornos próprios em contextos históricos, sociais e culturais distintos. As distintas condições sociais (origem de classe por exemplo), a diversidade cultural (a cor da pele, as identidades culturais e religiosas, os diferentes valores familiares etc.), a diversidade de gênero e de orientação afetiva e até mesmo as diferenças territoriais se articulam para a constituição das diferentes modalidades de se vivenciar a juventude (DAYRELL, p. 27, 2016).



O que permeia o diálogo com alunos, mesmo no grupo etário de adultos, é o mesmo problema: desconhecimento das escolas e/ou das formas de acesso aos cursos de EM ou da Educação Profissional da região. Grande parte dos alunos egressos do EF, ingressam diretamente no mundo de trabalho (pelas diferentes dificuldades sociais que possuem) ou trabalham nos pequenos negócios da família, na agricultura familiar ou até mesmo na Cooperativa de reciclagem de materiais descartáveis.

O planejamento inicial da professora titular nesses espaços escolares era conhecer os alunos, saber dos seus interesses, dúvidas, planos para que, na sequência, pudesse orientá-los na inscrição para concorrer a uma vaga no EM. Os participantes da pesquisa foram 32 alunos na EJA - a maioria jovens entre 15 e 17 anos e um grupo de adultos. Entre os alunos do 9º ano do EF, dez fizeram parte do trabalho (com idades entre 14 e 17 anos).

A experiência cotidiana com os estudantes permitiu perceber neles uma descrença sobre o futuro profissional e, ao mesmo tempo, necessidade de ingressar no mundo do trabalho. Diante da urgência pelo trabalho, dada a realidade brasileira das classes sociais menos favorecidas, mas compreendendo a Educação Básica como direito e um importante elemento na formação humana, o EM Integrado (EMI) pode ser uma alternativa para a vida desses jovens e adultos. Assim, percebeu-se a necessidade de apresentar as escolas da região que oferecem EMI à Educação Profissional e suas formas de acesso. Inspirada por autores, como Saviani (SAVIANI, 2007), que defendem a escola unitária, percebe-se aqui um espaço importante para realizar uma mediação sobre orientação profissional na perspectiva do mundo do trabalho e educação integral, visando a promoção desses estudantes a conhecerem as políticas instituídas para este ensino.

Em relação ao mundo do trabalho, contrapondo a expressão mercado de trabalho, nossa base teórica fundamenta-se em Saviani (SAVIANI, 2007), o qual defende a volta às origens, unindo trabalho e educação. O EMI à Educação Profissional e Tecnológica (EPT) é uma tentativa de aproximar-se dessa ideia. Os três níveis de Ensino: Educação Infantil, EF e EM compõem a Educação Básica, ou seja, a formação mínima necessária a todo cidadão. Esses níveis deveriam ser uma continuidade do processo da trajetória escolar do estudante e não uma fragmentação, que favorece sua descontinuidade, afetando a matrícula no nível subsequente. Ao abandonar a escola antes de concluir essa etapa para trabalhar, rompe totalmente com o pensamento de uma educação integral, ou seja, que visa tanto o desenvolvimento manual, quanto o desenvolvimento intelectual. Na busca por problematizar essa realidade, realizamos as seguintes etapas da pesquisa: apresentamos a temática para pais e alunos, aplicação do questionário, registro no caderno de campo ao longo das aulas, registrando falas e escritas dos alunos a respeito da temática educação, trabalho e transição do ensino fundamental para o EM, mapeamento dos resultados parciais da pesquisa, análise dos resultados a partir da leitura e articulação com referenciais teóricos e atividade de auxílio aos alunos para inscrição no processo seletivo para ingresso no EMI.

O primeiro movimento foi mapear a realidade dos alunos, por meio de uma pesquisa formalizada, dialogando, fazendo a escuta e perguntando sobre o que pretendem fazer após o término do EF. Essa pesquisa se articula com a experiência cotidiana da docente pesquisadora e traz elementos para buscar encontrar mecanismos que pudessem auxiliar nessa transição.



Durante o percurso da pesquisa, os procedimentos basearam-se em uma pesquisa participante, uma vez que “se desenvolve a partir da interação entre pesquisadores e membros das situações investigadas” (SILVA, 2005, p. 22). A partir dessa metodologia, se buscou uma ação que pudesse auxiliar os estudantes, levando em consideração suas aspirações e potencialidades de conhecer e agir, “é a metodologia que procura incentivar o desenvolvimento autônomo” dos participantes (GIL, 2014, p. 31). Assim, foi utilizado o caderno de campo para registrar falas, depoimentos, textos que foram escritos pelos alunos em atividades realizadas em sala de aula sobre educação e trabalho, cruzando com as respostas dadas por eles no questionário. Outras tarefas envolveram relatos sobre a história de educação e trabalho dos pais e/ou familiares narradas pelos alunos, a sua própria história de educação e trabalho, apoio e orientação para inscrição aos processos de seleção ou de matrículas no EM, EMI e PROEJA (Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade de EJA).

Foi organizado um material impresso (texto digitado) com informações básicas compiladas sobre as escolas que ofertavam EM e EMI ao ensino profissional em Sapucaia do Sul e nas cidades próximas (Esteio, São Leopoldo, Canoas e Gravataí), bem como os cursos oferecidos. Foi destacado a documentação necessária e os sites de acesso para inscrição de cada instituição federal (IFSul e IFRS) e da rede estadual. Foram esclarecidos os tipos de cota e o perfil correspondente. Foi agendada uma visita no Laboratório de Informática da escola para que os pudessem realizar suas inscrições. Foi uma força-tarefa para que os alunos pudessem ter a chance de disputar uma vaga no EM, EMI ou PROEJA.

3. TRANSIÇÃO DO ENSINO FUNDAMENTAL PARA O ENSINO MÉDIO: COMPREENDENDO OS RESULTADOS

A análise se deu a partir das respostas dadas ao questionário, por meio do qual foram solicitadas informações a respeito da escolaridade, profissão, idade em que começou a trabalhar, sobre o aluno e sobre familiares do seu convívio. Também constaram perguntas direcionadas ao sentido atribuído à continuidade dos estudos após a conclusão do ensino fundamental, o que sabiam sobre EMI, as formas de ingresso e aspirações educacionais e profissionais.

Dayrell (2016) nos ajuda a entender esses dados e explica que ser jovem não é igual para todos. Cada grupo possui suas particularidades e história de vida na qual influenciam na sua formação e poderá impactar na continuidade da trajetória escolar dos alunos concluintes do Ensino Fundamental, inclusive na fase adulta. Este resultado é perceptível ao analisar os relatos dos adultos, no qual o sentimento de incerteza e descrença em oportunidades de educação permanece, reflexo dessas juventudes tão diversas. Eles sentem as mudanças das relações de trabalho e das profissões, e assim como a juventude, estão perdidos sobre qual direção seguir.

Dos dados compilados, destacam-se alguns que serão apresentados. Cerca de 88,1% dos alunos entrevistados responderam que ao terminar o EF, pretende continuar trabalhando e estudando, 7,1% almeja só estudar e 4,8% pretende apenas trabalhar. Isso demonstra que há um desejo em continuar estudando, mesmo que isso envolva conciliar trabalho e estudo.

Porém, conforme os dados do IBGE (2010) anteriormente referidos, isso não se consolida na prática. Muitos acabam somente trabalhando, quando precisa ser feita uma escolha entre um e outro, visto a baixa escolaridade da população no



município de Sapucaia do Sul. Os dados revelam que os alunos desejam seguir estudando, mas têm poucas orientações sobre como irão fazer isso. Saviani nos aponta a preocupação do acesso, permanência e sucesso escolar dos trabalhadores: “O nível de desenvolvimento atingido pela sociedade contemporânea coloca a exigência de um acervo mínimo de conhecimentos sistemáticos, sem o que não se pode ser cidadão, isto é, não se pode participar ativamente da vida da sociedade” (SAVIANI, 2007, p. 160), ou seja, a descontinuidade na Educação Básica tem impacto no pleno exercício da cidadania desses estudantes. Por essa razão, a inquietação, a busca em construir uma ponte entre o EF e o EM.

Grande parte dos estudantes mora no entorno da escola e integram a rede municipal. Estudar no EM representa ingressar em outras redes (Estadual ou Federal) localizadas em outros bairros, em alguns casos, até mesmo outras cidades. As respostas dos alunos mostraram que eles não sabem bem como fazer essa transição. Parte desses estudantes não conhece as escolas, nem mesmo os cursos ofertados. Com relação ao questionamento sobre a existência de cursos de EMI à EPT, 48,8% disseram que não sabiam que existiam cursos assim e 51,2% disseram que sim, sabiam. Verifica-se que parte considerável dos participantes desconheciam essa alternativa de ensino. Logo, não podem buscar algo sobre o qual desconhecem.

As respostas sobre o que é Ensino Técnico, chamaram atenção, pois não são coerentes com o resultado da pergunta anterior, demonstrando uma certa inconsistência, o que pode nos levar a analisar que eles não conhecem efetivamente o significado destas propostas de ensino. Dos participantes, 71,4% responderam que não sabiam o que é Ensino Técnico e 28,6% conheciam tal termo. Ao serem questionados se gostariam de fazer o Ensino Médio integrado ao Ensino Técnico, 84,2% responderam que sim e apenas 15,8% não se interessavam. Os alunos foram indagados se conheciam alguma escola técnica em sua cidade, 64,3% deles responderam não e 35,7% sim. Finalmente ao perguntar aos alunos se conheciam o processo de matrícula das escolas de curso técnico da região, o resultado foi impactante: 100% dos alunos disseram desconhecer tal processo ou a forma de como estudar lá.

Analisando em um primeiro momento algumas respostas dos alunos no questionário podem parecer incoerentes, se comparadas entre si. É importante compreender não ser possível analisar os resultados somente a partir dos dados quantificados. Para fazer a análise dessas informações, torna-se necessário cruzar essas respostas com os registros feitos durante os debates em sala de aula e os referenciais teóricos que baseiam essa experiência. As próprias perguntas do questionário foram uma forma de conhecer e mobilizar diálogos sobre educação e trabalho. Por exemplo, como explicar que, quando perguntado se sabiam o que era um Ensino Técnico, 71,4% disseram que não, mas ao perguntar se queriam estudar em um curso de Ensino Médio integrado ao Ensino Técnico, 84,2% responderam que sim? Essa é uma resposta possível quando você está inserido no processo e está aberto para uma análise qualitativa e não somente preso a uma análise quantitativa.

Em uma abordagem qualitativa a “pesquisa trabalha com interpretações, comparações e resultados que não podem ser mensuráveis numericamente” (LEITE, 2013, p.23). Esse trabalho ocorreu no espaço profissional no qual a autora principal está inserida. A argumentação das ideias emerge do mundo dos participantes, ou seja, “é o estudo do fenômeno no seu acontecer natural” (MOREIRA, 2002, p.8). O



meio natural é origem imediata para produção de dados, análise de fenômenos e atribuição de significados. Portanto, o que ocorre in locus tem relevância para análise final e há o interesse em “capturar a perspectiva dos participantes” (LÜDKE; ANDRÉ, 2014, p. 14). Segundo esses autores, uma pesquisa será qualitativa quando reunir as seguintes características:

tem o ambiente natural como sua fonte direta de dados e o pesquisador como seu principal instrumento; [...] os dados coletados são predominantemente descritivos; [...] a preocupação com o processo é muito maior do que com o produto; [...] o significado que as pessoas dão às coisas e à sua vida são focos de atenção especial pelo pesquisador [...] e a análise dos dados tende a seguir um processo indutivo (LÜDKE; ANDRÉ, 2014, p. 12-14.).

Portanto, o que os alunos falavam em aula, eram falas extremamente relevantes para compreensão dos dados. Durante a dinâmica com os alunos, foram realizadas essas mesmas perguntas, porém com o objetivo de uma conversa, dando espaço para os alunos explanarem seus pensamentos. Os alunos sentiam-se mais à vontade para falar que escrever. Eles disseram que não entendiam muito bem o que era o Ensino Técnico, mas imaginavam que fosse uma coisa boa, “um ensino a mais” e que pode prepará-los melhor para a busca de trabalho. Outros disseram que responderam não ter interesse no curso técnico e assim responderam por desconhecer o significado, mas talvez tivessem interesse, se soubessem melhor do que se tratava. Esse diálogo ocorreu tanto no nono ano do fundamental, quanto nas etapas finais da EJA.

A ação-tarefa de inscrição para matrículas no EM no Estado e para o processo seletivo na rede Federal demonstrou que a dificuldade dos alunos para dar continuidade a sua trajetória escolar vai muito além da informação. Começa pelo básico: a documentação. Durante essa atividade de inscrição para o EM, EMI e PROEJA alguns alunos não tinham o documento de identidade, apenas certidão de nascimento. Teve o caso de uma aluna que até mesmo a certidão de nascimento estava com problemas e por esta razão, não conseguia fazer o RG (Registro Geral). Surgiram obstáculos até mesmo no preenchimento da ficha online de inscrição. Alguns alunos não tinham sequer e-mail para inserir. Outros não sabiam ler as informações nos documentos e completar a lacuna correspondente da ficha, por exemplo, identificar o CEP (código de endereço postal) na conta de água ou luz, UF (Unidade Federativa), CPF (cadastro de pessoa física), escrever de forma completa o endereço. Seguidamente, deixavam faltando informações, o que impedia o prosseguimento para a próxima guia do sistema. Enfim, isso para falar somente sobre a tarefa de realizar as inscrições via internet. As barreiras que os alunos enfrentam começam nesses pequenos detalhes e nos faz refletir sobre se a educação para a vida de fato acontece, sobre a inclusão digital (muito além do acesso às redes sociais) e sobre a necessidade de apoio pessoal para orientá-los. O simples fato de precisar preencher uma ficha online pode ser um obstáculo impeditivo de seguir na “disputa” por uma vaga no EM.

Depois teve o processo de orientação para ler o edital, informações sobre data, local e horário de provas (quando era o caso), divulgação de resultados, site de consulta, lista de conteúdos para estudar, pagamento ou isenção de tarifas. Dos 42 alunos que participaram da pesquisa, consegui acompanhar a inscrição de 29 alunos que conseguiram realizar a inscrição ou na rede estadual ou na rede federal. Os alunos que não conseguiram realizar, no período de inscrição foram por falta de documentos para preenchimento no cadastro virtual ou realizariam em casa, não



obtive confirmação se de fato o fizeram. Ainda no dia da prova teve alunos que não foram realizar a prova porque esqueceram a data, não acharam o documento, erraram o local, perderam o horário ou não foram porque não estudaram para a prova de seleção. No final desse processo, dos 42 alunos que participaram desse trabalho, apenas duas foram chamadas da rede federal: uma no IFSul de Sapucaia do Sul e uma aluna no IFRS de Canoas.

Nesse estudo parcial, não foi possível acompanhar os egressos do Ensino Fundamental, não tive acesso aos alunos depois que saíram da rede municipal, logo, não tenho a informação se estão na rede estadual, federal ou pararam de estudar. Mas essas experiências demonstraram o quanto é difícil o caminho para acessar o EM e muito mais o EMI à EPT, inclusive PROEJA, para alunos cuja realidade é a inexistência de um planejamento sobre quais escolas e cursos estão disponíveis na região e as formas de ingresso. Provavelmente, o processo de matrícula deve ter sido uma nova barreira a ser transposta, com acompanhamento da divulgação de listas dos selecionados, escolas destinadas, datas, horários, entrega de documentação. Isso provavelmente deixa aberto para novas pesquisas.

A falta de orientação começa pelo o básico, como: os documentos necessários, habilidades para preencher formulários online, organização de estudos, organização de datas, horários e locais de prova, habilidade para leitura dos editais de inscrição para concorrer às vagas, até questões mais profundas, como o despertar de consciência sobre a vinculação entre educação e trabalho como emancipação humana e formação integral.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desconhecimento sobre as opções de EM, EMI à EPT e PROEJA é um obstáculo para a continuidade da trajetória escolar de grande parte dos estudantes concluintes do Ensino Fundamental participantes dessa pesquisa, independentemente da idade ou da modalidade de ensino. Mesmo havendo uma escola bastante conceituada na cidade, o IFSul (Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense), muitos alunos afirmavam não conhecer a instituição ou não a viam como uma possibilidade de estudar nela. O que reforça a falta de informação para essas pessoas sobre oportunidades de educação, mesmo eles estando tão próximos do momento de “escolhas” sobre onde estudar no EM. Logo, não se pode afirmar que é uma questão de escolha (e por isso as aspas anteriormente) por duas razões: primeiro, não há vaga para todos, mesmo que quisessem e pudessem; segundo, não existe opção para quem desconhece sua existência e modos de acesso.

A partir desses resultados, concluímos que muitas famílias não têm o conhecimento ou a experiência necessária para fazer esse planejamento com seus filhos e tutelados. Mesmos os adultos não dispõem das ferramentas necessárias de ação. Cabe a escola buscar meios para a promoção da continuidade escolar, orientando os estudantes e suas famílias.

Diante da constatação dessa realidade, após dar as primeiras orientações e explicações sobre EMI e com a aproximação da inscrição para processos seletivos e solicitação de vagas para o EM e/ou EMI na Educação Profissional e Tecnológica, inclusive na modalidade PROEJA, busquei ações urgentes, antes mesmo da conclusão da pesquisa.



Esse trabalho parcial sobre os resultados da pesquisa a respeito da continuidade da trajetória escolar na transição do ensino fundamental para o EM contribuiu para perceber que as dificuldades são diversas, o que torna importante buscar estratégias para transpor esses obstáculos ou, pelo menos, diminuir as barreiras. Essa foi apenas uma ação pontual e urgente para contribuir com aqueles jovens e adultos envolvidos na pesquisa e poder dar a eles algum retorno antes da finalização da mesma. Porém, os estudos continuarão na busca de estratégias para construir uma ponte, fazendo com que os alunos alcancem o EM e concluam a Educação Básica, como forma de inserção social e melhores oportunidades em todas as esferas da vida.

5. REFERÊNCIAS

DAYRELL, Juarez (Org.). **Por uma pedagogia das juventudes**: experiências educativas do Observatório da Juventude da UFMG. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2016.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6ª ed. 6ª reimpr. São Paulo: Atlas, 2014.

IBGE. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) 2010**. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: 2018.

LEITE, Fabiana Calçada de Lamare; POSSA, André Dala. **Metodologia da pesquisa científica**. 2. ed. rev. Florianópolis: IFSC, 2013.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. 2ª ed. Rio de Janeiro: E.P.U., 2014.

MOREIRA, Marco Antonio; ROSA, Paulo R.S. **Pesquisa em Ensino**: Métodos Qualitativos e Quantitativos. Programa Internacional de Doctorado en Enseñanza de las Ciencias. Universidad de Burgos, Espanha; Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil. Texto de Apoio nº 14. Publicado em Actas del PIDEDEC, 4:25-55, 2002.

SAVIANI, Dermeval. Trabalho e educação: fundamentos ontológicos e históricos. Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação. **Revista Brasileira de Educação**. v. 12 n. 34 jan./abr. 2007 p. 161-162.

SILVA, Edna Lúcia da; MENEZES, Estera Muszkat. **Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação**. 4. ed. rev. atual. Florianópolis: UFSC, 2005. 138p.